

Entrevista com a Professora Tânia Regina

O Estado de São Paulo possui 80 salas de recursos nas escolas estaduais para garantir que deficientes visuais, físicos, auditivos e intelectuais recebam atendimento especializado. São 2.500 alunos matriculados nas classes regulares, em toda a rede, que frequentam as salas de recursos no contraturno das aulas. Uma das professoras desses espaços é **Tânia Regina**, deficiente visual desde os 19 anos. Hoje, aos 54, ela ensina alunos com deficiência visual na Escola Estadual Doutor Edmundo de Carvalho, da DE Centro-Oeste, e é técnica do Centro de Apoio Pedagógico Especializado (CAPE).

Você nasceu cega? Se não, como aconteceu?

Quando eu tinha 19 anos, eu sofri um acidente de carro aqui em São Paulo. Fiquei completamente cega por 6 meses e depois fiz uma cirurgia que me deixou com um resíduo de visão. É menos do que 5%, mas eu os aproveito muito bem. Dependendo da luminosidade, consigo enxergar a pessoa, um móvel. Só não consigo ver os detalhes. Eu não vejo minhas próprias rugas, nem as de ninguém (rs). Hoje tenho 54 anos. Eu convivo com a minha deficiência visual há mais tempo do que vivi sem ela.

Como surgiu a vontade de virar professora?

Quando eu sofri o acidente, nunca tinha me passado pela cabeça ser professora. Eu estava prestando vestibular para veterinária e queria trabalhar com pesquisa de equinos. Depois de passar por todo o processo de reabilitação, eu pensei: “E agora? O que eu vou fazer?”.

Eu tinha uma prima que estava na faculdade de Pedagogia, e me disse para fazer também. Fui conhecer o curso e me interessei.

Na reabilitação, na Fundação Dorina Nowill, eu quis trabalhar com deficientes visuais e a Dona Dorina me recomendou um curso na UNESP de habilitação na área de deficiência visual. Foi assim que eu fiz especialização e me tornei professora da sala de recursos. E eu não me vejo fazendo outra coisa. Acho que ser professora é algo feito pra mim. É meu número justinho, sem ter que mandar apertar ou fazer a bainha.

Quem são seus alunos?

Meus alunos são deficientes visuais de toda a cidade de São Paulo e até de alguns municípios próximos. São cegos ou com a visão subnormal, do primeiro ano do Ensino Fundamental Ciclo I até o último ano do Ensino Médio. Esses alunos frequentam a sala de aula regular e convivem com alunos que não possuem nenhuma deficiência. No contraturno, cursam aulas comigo para terem algumas necessidades supridas. Na sala de recursos, por exemplo, eu explico para eles como trabalhar com gráficos e mapas. Ensino o braille desde a alfabetização.

Estou há 25 anos no magistério e hoje tenho alunos que já casaram, tiveram filhos e visitam a escola para apresentar a família, conversar comigo.

Que tipo de preparo um professor deve ter para ensinar um aluno com deficiência visual?

Na sala de aula regular, um professor precisa só dar aula. Para ensinar cegos e deficientes visuais, ele só precisa dar nome para as coisas. Por exemplo: fração. Muitos professores estão acostumados a dizer “aqui em cima”, “aqui embaixo”, mas as partes de uma fração têm nome. Então com um aluno cego em sala de aula, o professor vai precisar chamar de numerador, denominador. Aos poucos ele vai aprendendo que não existe mais “aqui” e “ali”. Vai dizer: “lá na direita”, “lá na esquerda”, “na frente da sala”, “atrás da sala”. Assim, o aluno vai fazer parte das aulas. As lições, em sua maioria, são verbais.

Como esse aluno é avaliado?

O aluno é avaliado normalmente. Ele vai receber exatamente a mesma prova de outro aluno, só que com caracteres ampliados ou em braille.

As faculdades preparam os professores para lidarem com alunos deficientes?

Algumas faculdades começaram a pensar nessa questão, em como o professor precisa se preparar para receber esses alunos. Mas até bem pouco tempo, não havia nenhuma preparação. O que um professor pode fazer é procurar uma das salas de recursos e conversar com o professor especializado. Nós somos profissionais capacitados para dar esse tipo de orientação.

O que os deficientes físicos já conquistaram? Como era antes e como é hoje?

Acho que desde que eu sofri o acidente, tudo mudou bastante. Hoje existem leis que garantem alguns direitos para os deficientes. Por exemplo, a questão da cota para entrar em uma universidade foi muito importante, principalmente para quem possui uma deficiência intelectual. Antes disso, as portas para essas pessoas eram todas fechadas.

A tecnologia também evoluiu. Tudo fala: impressora, computador, scanner. O deficiente visual pode contar com esses recursos. Nós não podíamos ir ao cinema antes, mas hoje há audiodescrição para quase tudo. Acho que quem mais sofre ainda no nosso país é o deficiente físico, com poucos lugares adaptados para recebê-los. Mas a sociedade está menos discriminatória.

Ainda assim, eu sempre falo para os pais e para os meus alunos: “Não tenha vergonha. Se alguém estiver olhando, pergunte se ele quer saber o que aconteceu contigo, qual é a sua deficiência”. A informação é uma arma para enfrentar o preconceito.

Quais são os maiores desafios enfrentados?

Acho que dentro da escola, o professor da sala de aula regular precisa perder o medo. Claro que muito já foi feito e já melhorou, mas vejo ainda muito medo de ensinar um deficiente. E o professor pode ajudar essa pessoa de forma profissional. Afinal, é direito do aluno de estar ali, de frequentar a escola. O professor precisa sair da sua zona de conforto e enfrentar esse medo. Não é preciso nada tão sofisticado para fazer esse aluno aprender. Às vezes, falar é o suficiente. A simplicidade também ensina.